



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROF. DR. SERGIO JACINTHO LEONOR
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

MONYQUE CAMPOS LIMA

**REFLEXÕES SOBRE A SURDEZ E O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DO
SUJEITO SURDO NO MUNICÍPIO DE ARRAIAS-TO**

Arraias (TO)

2019

MONYQUE CAMPOS LIMA

**REFLEXÕES SOBRE A SURDEZ E O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DO
SUJEITO SURDO NO MUNICÍPIO DE ARRAIAS-TO**

Monografia apresentada à UFT –
Universidade Federal do Tocantins –
Campus Universitário Prof. Dr. Sérgio
Jacintho Leonor, Campus de Arraias-TO,
para a obtenção do título de Pedagoga,
sob orientação da Profa. Dra. Giane Maria
da Silva e do Prof. Vinicius Hidalgo
Pedroni.

Arraias (TO)

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

L732r Lima, Monyque Campos.
Reflexões sobre a surdez e o processo de escolarização do
sujeito surdo, no município de Arraias-TO . / Monyque Campos Lima.
– Arraias, TO, 2019.
46 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins –
Câmpus Universitário de Arraias - Curso de Pedagogia, 2019.

Orientadora : Giane Maria da Silva

Coorientador: Vinicius Hidalgo Pedroni

1. INTRODUÇÃO. 2. EDUCAÇÃO, LIBRAS E SURDEZ. 3.
PERCURSO METODOLÓGICO. 4. ENTRADA E PERMANÊNCIA NO
ENSINO REGULAR: O CASO DE UMA ALUNA SURDA. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de
qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que
citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime
estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

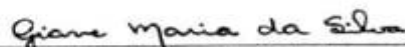
**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da
UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

MONYQUE CAMPOS LIMA

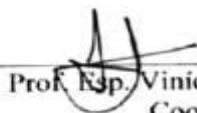
**REFLEXÕES SOBRE A SURDEZ E O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DO
SUJEITO SURDO, NO MUNICÍPIO DE ARRAIAS-TO**

Trabalho submetido ao Colegiado do
Curso de Pedagogia da Universidade
Federal do Tocantins, Campus
Universitário de Arraias, em
cumprimento parcial para obtenção do
título de Pedagoga à Monyque Campos
Lima.

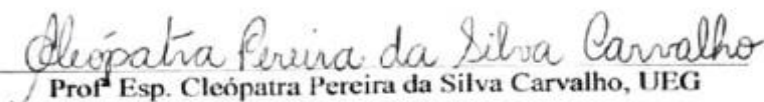
Data de aprovação: 25 / 06 / 2019



Prof. Dr.ª. Giâne Maria da Silva, UFT
Orientadora



Prof. Esp. Vinicius Hidalgo Pedroni
Coorientador



Prof.ª Esp. Cleópatra Pereira da Silva Carvalho, UEG
Professora Avaliadora 1



Prof.ª. Dr.ª. Márcia Cristina Barreto Fernandes de Abreu, UFU
Professora Avaliadora 2

Arraias-TO, 2019

Ao meu pai, Erinaldo Ferreira Lima, e à minha mãe, Glaucilene Campos Figueredo, por sempre me apoiarem e me ajudarem a chegar até aqui.

Aos meus irmãos, Michelly Campos Lima e Jorge Mayck Campos Lima.

Ao meu esposo, Gleicivan Moreira de Oliveira, que sempre esteve ao meu lado nessa jornada, me ajudando e me dando forças para seguir em frente em todas as etapas do curso.

AGRADECIMENTOS

À Deus, em primeiro Lugar, pela vida.

À Universidade Federal do Tocantins, pelo magnífico ensino de qualidade.

À professora Dra. Giane Maria da Silva, pela excelente orientação e ao professor Esp. Vinicius Hidalgo Pedroni, pelo excelente trabalho de coorientação.

Às professoras Marcia Cristina Barreto Fernandes de Abreu e Cleópatra Pereira da Silva Carvalho, pela participação como membros da banca examinadora deste trabalho.

A todos os professores que me acompanharam nessa jornada, que me proporcionaram um excelente ensino e que me ensinaram a sempre buscar meu objetivo.

Ao professor Me. Orimar Souza Santana Sobrinho, pelas excelentes aulas de Seminário I, em que nos propôs a começar a trabalhar com o tema da nossa monografia e com isso nos auxiliou no que precisávamos.

À minha família que sempre esteve presente comigo nesta caminhada: minha avó, Maria de Lourdes Campos Figueredo, Tia Claudineia Campos Figueredo e a minha Tia Glaucineia Campos Figueredo, em especial, que me deu inspiração para pesquisar sobre o tema deste TCC.

Aos meus amigos da graduação que nunca deixaram de me apoiar e me dar forças para continuar a estudar. Em especial: Janaina Pereira de Lira, Camila Cunha do Nascimento, Carolina de Paula Baião, Joyce de Jesus dos Santos, Pedro Alexandre Serafim e Luciano Di Castro, pela amizade, compreensão e ajuda em toda essa caminhada e por nunca terem me deixado desistir.

*“O encontro com a comunidade surda permite-lhe
sair do lugar do diferente, do excluído, do
estranho, do estrangeiro, para o de
“pertencimento”, um lugar em que se encontram
como iguais, sentem-se entendidos e efetivamente
conseguem estabelecer uma relação de troca. “*

Gladis Dalcin

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo fazer uma reflexão sobre a surdez e analisar o processo de escolarização de uma aluna surda. Nesta pesquisa serão abordadas questões relacionadas à definição de surdez e surdo, uma breve história do sujeito surdo e suas conquistas, destacando também o que é Libras, discussões sobre a educação bilíngue e um breve panorama da educação dos surdos em Arraias-TO. Alguns dos autores usados como referência foram: Tacca e Martinez (2011), Gesser (2009), Coelho (2011), Strobel (2016), Reis (1992), Rocha (1997), Silva (2000), Strobel (2009), Lodi & Lacerda (2014), entre outros. Também foi utilizada a LDB n.9394/96, a LBI nº 13.146/2015, a Lei n 10.436/2002 e documentos disponibilizados pela FENEIS. Neste trabalho, de abordagem qualitativa, foi realizada uma pesquisa de campo com a elaboração de roteiros de entrevista semiestruturada com uma aluna surda e uma professora, em que foi abordado sobre o processo de escolarização e formação de ambas. Ao final do trabalho, compreendeu-se que tanto a professora quanto a aluna surda ainda precisam aprender mais sobre a Libras e a fazer uso dela no cotidiano para terem uma comunicação efetiva, que ainda existem falhas na educação em relação à formação de profissionais especializados para trabalhar com alunos com deficiência, pois os alunos surdos acabam não tendo uma educação de qualidade e inclusiva. Ressaltou-se ainda a importância da inclusão de pessoas surdas nas escolas regulares, apontando que a inclusão não é realizada apenas pelo fato de a escola ter um professor de apoio que acompanha este aluno, pois um dos motivos da escola se tornar inclusiva é quando a necessidade do aluno não é uma barreira para que ele possa se desenvolver junto com seus colegas de classe.

Palavra-chave: Processo de escolarização; Libras; Surdez; Surdo.

ABSTRACT

The present work aims to make a reflection about the deafness and analyze the schooling process of a deaf student. In this research will be approached questions related to the definition of deaf and deaf, a brief history of the deaf subject and their conquests, also highlighting what is Libras, discussions about bilingual education and a brief overview of the education of the deaf in Arraias-TO. Some of the authors used as reference were: Tacca and Martinez (2011), Gesser (2009), Coelho (2011), Strobel (2016), Reis (1992), Rocha (1997), Silva (2000), Strobel Lodi & Lacerda (2014), among others. It was also used LDB n.9394 / 96, LBI nº 13,146 / 2015, Law n. 10,436 / 2002 and documents made available by FENEIS. In this qualitative approach, a field research was carried out with the elaboration of semistructured interview scripts with a deaf student and a teacher, in which it was approached about the process of schooling and formation of both. At the end of the study, it was understood that both the teacher and the deaf student still need to learn more about Libras and make use of it in everyday life to have effective communication, that there are still failures in education regarding the training of specialized professionals to working with students with disabilities, as deaf students end up not having a quality and inclusive education. It was also stressed the importance of including deaf people in regular schools, pointing out that inclusion is not only carried out by the fact that the school has a support teacher who accompanies this student, since one of the school's reasons for becoming inclusive is when student's need is not a barrier so that he can develop along with his classmates.

Keywords: Schooling process; Pounds; Deaf.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Alfabeto da Língua Brasileira de Sinais - Libras.....	20
Figura 2- Alfabeto da Língua de Sinais Britânica - British Sign Language (BSL).....	21

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
ASL	Língua de Sinais Americana
BSL	Língua de Sinais Britânica
CNE	Conselho Nacional de Educação
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
JSL	Língua de Sinais Japonesa
LBI	Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
LSF	Língua Francesa de Sinais
UFT	Universidade Federal do Tocantins

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. EDUCAÇÃO, LIBRAS E SURDEZ	16
2.1 Surdez e sua definição	16
2.2 Breve histórico sobre a educação de surdos no Brasil.....	18
2.3 Libras: o que é?.....	21
2.4 O aluno surdo e os desafios da escola bilíngue no processo de escolarização	24
2.5 Panorama do processo de escolarização em Arraias – TO	27
3. PERCURSO METODOLÓGICO	28
3.1 Caracterização da pesquisa	28
3.2 Sujeitos da pesquisa	28
3.3 Procedimentos e instrumentos para a coleta de dados.....	29
4. ENTRADA E PERMANÊNCIA NO ENSINO REGULAR: O CASO DE UMA ALUNA SURDA	30
4.1 Entrevista com a aluna surda	30
4.2 Entrevista com a professora referência para a aluna surda	33
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	38
APÊNDICES	41
ANEXOS	44

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda questões relacionadas à educação de jovens surdos no seu processo de escolarização e discute temas relacionados à educação inclusiva, à história da Libras, seus desafios e qualidade. Nesse sentido, interessa-nos compreender mais sobre a inclusão do sujeito surdo na escola, pois a pesquisadora tem uma tia surda que não teve acesso a um ensino de qualidade e que atendesse às suas necessidades, por conhecer as limitações do sujeito surdo na tentativa de se comunicar com o ouvinte e também pelos desafios que eles enfrentam todos os dias ao tentarem se comunicar com pessoas que não dominam a Libras.

Nesta pesquisa, abordou-se sobre a cultura surda e analisou-se alguns dos desafios que os surdos encontram no processo de escolarização. Espera-se que com esta pesquisa possamos compreender e aprender mais sobre a inclusão dos alunos surdos nas escolas e também sobre a relação dos professores ouvintes com esses alunos surdos.

Como problema de pesquisa destaca-se a tentativa de compreender e analisar os desafios que o sujeito surdo enfrenta na escola regular. Portanto, apresentam-se informações sobre a educação de surdos e afirma-se a importância da educação para a inserção desses sujeitos na sociedade, pois dessa forma eles podem se comunicar de maneira mais efetiva, fortalecendo assim as relações interpessoais. Destaca-se ainda que na sociedade atual ainda existem muitas pessoas ouvintes e também surdas que não sabem a Libras, ou que sabem apenas saudações comuns, como “Oi!”, “Tudo bem?”, “Bom dia!” ou “Boa Tarde!”, ocasionando assim a restrição da comunicação com as pessoas surdas.

Nesta pesquisa, serão tratados assuntos referentes à surdez na escola regular e para embasamento teórico alguns autores serão utilizados, como Tacca e Martinez (2011), Gesser (2009), Coelho (2011), Strobel (2016), Reis (1992), Rocha (1997), Silva (2000) e Lodi & Lacerda (2014), que discutem sobre a educação de alunos surdos e ainda argumentam sobre o processo da inclusão na educação regular. Abordaremos ainda a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) n.9394/96, a Lei Brasileira de Inclusão (LBI) n.

13.146/2015 e ainda documentos disponibilizados pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS).

Martins e Tacca (2011) discutem sobre a inclusão de pessoas surdas e seus direitos e traz informações importantes sobre o processo de inclusão dos alunos surdos. Segundo esses autores, esse processo é

compreendido como um desses movimentos considerados como “políticas de gabinete”. No entanto, a complexa natureza de seu processo histórico, bastante diversa de uma mera imposição decretada ou legislação imposta, deve ser levada em conta para que não se tenha uma visão reducionista desse processo de transformação social. (MARTÍNS, TACCA. 2011, p. 154)

Complementando essa afirmação, Gesser (2009) discute em sua obra o direito das pessoas surdas, além de fazer uma análise e um relato sobre a história da Libras. Esse autor aponta a proibição que ocorreu nos Estados Unidos de que as pessoas surdas não fizessem uso da Língua Americana de Sinais - ASL, primeira língua desses sujeitos, e que durante muitos anos elas foram maltratadas por isso. Segundo Gesser (2009), nas escolas americanas aqueles que não obedeciam eram castigados e muitas vezes tinham as mãos amarradas dentro da sala de aula.

Ainda segundo Gesser (2009), no Brasil não foi diferente e aponta alguns autores como Reis (1992) e Rocha (1997), que abordam assuntos sobre a história do sujeito surdo. Entre várias histórias, Gesser (2009) afirma que, antigamente, a Libras era vista como um “código secreto”. Assim, a comunicação entre os sujeitos era feita às escondidas; as pessoas eram proibidas de aprender sua primeira língua. O mesmo autor ainda destaca que a Libras era entendida como algo “erótico e indecente”, pois usavam muito o corpo para se expressarem.

Com o passar dos anos, os surdos começaram a ter reconhecimento e seus direitos foram assegurados a partir da LDB 9394/96, que destaca que a oferta de educação especial é um dever constitucional do Estado. Sendo assim, todas as pessoas com necessidades especiais têm o direito de estudar sua primeira língua, a Libras, e, preferencialmente, em escolas regulares. Ainda conforme a LDB, no artigo 58:

§ 1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender as peculiaridades da clientela de educação especial.

§ 2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular. (BRASIL, 1996, p.25)

A LDB n.9394/96 garante às pessoas com necessidades especiais o direito de estudar com o acompanhamento de um professor de apoio. Acredita-se que as pessoas surdas, sem o intérprete em sala, podem ter o seu processo de aprendizagem comprometido, pois certamente terão dificuldades para compreender o professor e/ou mesmo os colegas de classe e isso trará sérios prejuízos, além da falta de estímulos adequados ao seu potencial cognitivo, socioafetivo, linguístico, político e cultural. Assim, para que o aluno aprenda e esteja inserido efetivamente na turma é preciso ter o intérprete de Libras. Esta garantia à educação especial é uma conquista para toda as pessoas com algum tipo de deficiência.

Strobel (2016) relata as dificuldades que encontrou dentro da sala de aula, mesmo com a presença de um intérprete:

[...] Quando o professor fala durante as aulas, eu tenho de prestar atenção olhando para o interprete, não posso desviar o olhar para fazer anotações no caderno como os outros alunos ouvintes fazem, senão perco as informações transmitidas pelo interprete – isso é ruim, porque não tenho como revisar o que foi dito durante as aulas. Nas aulas de matemática, o professor faz cálculos em quadro-negro, eu não consigo olhar para o quadro e para o intérprete ao mesmo tempo, por isso sempre tenho de estudar fora da escola para entender e tirar notas boas. (STROBEL, 2016, p.130)

A partir desse relato pode-se observar que ainda hoje existe essa exclusão de maneira informal em algumas instituições, pois muitos entendem que tendo um intérprete na instituição está incluindo este aluno surdo na comunidade ouvinte. Porém, ao analisar a fala de Strobel (2016), compreende-se que a inclusão dos alunos surdos na comunidade ouvinte não se dá apenas por meio da presença de um intérprete em sala de aula ou em outro espaço. Para que se tenha a inclusão de fato, precisa-se que todos possam aprender como se comunicar com este aluno surdo e que o professor possa ministrar sua aula de forma que o aluno surdo possa prestar atenção no que ele faz, escreve e/ou fala e não simplesmente ficar olhando para o outro lado da sala, local em que está o intérprete.

Esta monografia está organizada em cinco seções: a primeira, apresenta a introdução do trabalho; a segunda seção discute temas como educação, surdez e sua definição, uma breve história da educação dos surdos, Libras, educação bilíngue e sua importância e um breve panorama da educação dos surdos em Arraias-TO, descrevendo um pouco sobre o projeto de extensão coordenado pelo professor Vinicius Hidalgo Pedroni¹, realizado na Universidade Federal do Tocantins- Campus de Arraias. Na terceira seção, apresenta-se o percurso metodológico da pesquisa e na quarta apresentam-se as discussões e análises dos dados coletados durante a pesquisa. Por fim, são apresentadas as considerações finais deste trabalho.

2. LIBRAS E SURDEZ

2.1 Surdez e sua definição

Para começar esta seção é importante entender o que seja surdez. De acordo com o Dicionário Aurélio (2001), a definição de surdez é: “(ê) sf. Med. Enfraquecimento ou abolição do sentido da audição.” No texto ainda se define a palavra surdo como

adj. 1. Que não ouve, ou ouve mal. 2. Pouco sonoro; pouco audível; abafado. [Cf., nesta acepç...: sonoro. 3. Feito em silêncio ou sem ruído. 4. Feito ou tramado em surdina. Sm. 5. Indivíduo surdo. 6. Bras. RJ Tambor surdo. (FERREIRA, 2001, p. 694)

Na apostila LIBRAS (20..?) traz outra informação sobre a definição da palavra surdez em que aponta a

surdez é o nome dado à impossibilidade e dificuldade de ouvir, podendo ter como causa vários fatores que podem ocorrer antes, durante ou após o nascimento. A deficiência auditiva pode variar de um grau leve a profunda, ou seja, a criança pode não ouvir apenas os sons mais fracos ou até mesmo não ouvir som algum. (LIBRAS. 20..?, p.3)

¹ Professor responsável pela disciplina Libras, na Universidade Federal do Tocantins-UFT, Campus de Arraias, coordenador do projeto de extensão intitulado “Aquisição da Língua Brasileira de Sinais por crianças, jovens e adultos surdos através do Conhecimento, da Identidade e Cultura Surda”, em andamento desde 2018 na instituição.

Podemos assim compreender que a surdez pode trazer consequências sérias para a vida e para a formação de uma pessoa, seja social ou educacional. Além disso, conforme apontado no Site LIBRAS² (20..?), a surdez pode ser compreendida como deficiência ou não, porque

[...] a surdez, sendo de origem congênita, é quando se nasce surdo, isto é, não se tem a capacidade de ouvir nenhum som. Por consequência, surge uma série de dificuldades na aquisição da linguagem, bem como no desenvolvimento da comunicação. Por sua vez, a deficiência auditiva é um déficit adquirido, ou seja, é quando se nasce com uma audição perfeita e que, devido a lesões ou doenças, há perda. (LIBRAS, 20.?, p.4)

No site LIBRAS (20.?), ainda afirma-se que deficiência auditiva é

[...] pessoa que possui a deficiência em um ou ambos ouvidos, podendo dispor em grau de perda desde a surdez leve até a profunda. Termo comum no vocabulário médico e científico. Usado por alguns fonoaudiólogos e documentos oficiais. Enquadra o surdo na categoria "deficiência". (LIBRAS, 20.?, p.4)

Assim, podemos compreender que existem vários níveis de surdez, seja ela leve ou profunda. No entanto, surdez e deficiência auditiva são termos distintos, pois surdez é a perda total da audição e o sujeito é considerado deficiente auditivo quando essa perda é progressiva no decorrer da sua vida, que ocorre por lesões ou doenças. Muitas pessoas associam essa deficiência a toda pessoa que não ouve, seja as que usam aparelho auditivo, as que não usam e/ou aquelas que não ouvem nenhum som.

Silva (2000) aponta em sua pesquisa dois conceitos sobre a surdez e diferencia a surdez do surdo. Essa autora relata que na visão dos clínico-terapêuticos,

[...] a surdez é vista como doença/déficit e o surdo como deficiente auditivo. Já que a surdez é um déficit, a pessoa com surdez necessita de um trabalho para suprir, sanar essa falta e assim ser "curado". (SILVA, 2000, p.15)

Desta forma, Silva (2000) ressalta que a surdez era considerada uma doença em que a cura era realizada através do ensino da linguagem oral e

² De acordo com informações disponíveis no próprio site "Libras" - www.libras.com.br - seu objetivo é "promover a divulgação do idioma Libras (Língua Brasileira de Sinais), bem como outros assuntos relacionados à surdez, além de apoiar a comunidade surda e a inclusão social, possibilitar novas amizades e divulgar produtos/serviços". Acesso em: 19 jan. 2019.

quando se percebia a tentativa da oralização, era porque a criança estava sendo curada da “doença”, nesse caso, a surdez. A autora ainda ressalta como era feito esse processo na língua oral:

A reabilitação pressupõe o uso de aparelho de amplificação sonora e estimulação auditiva, através de treinamento auditivo e de fala. Após um trabalho intensivo de treinamento auditivo, inicia-se o ensino da linguagem oral que se dá, para grande parte das crianças, a partir do aprendizado das palavras e depois das frases. Embora não se possa generalizar, poucos são os surdos que adquirem um grau de desempenho na linguagem oral que lhes permita expressar suas idéias. (SILVA,2000, p.15)

Silva (2000) aponta em seu texto o autor Lima (1997), que caracteriza a deficiência auditiva como

[...] uma dificuldade na recepção, percepção e reconhecimento de sons. Essa dificuldade pode ocorrer em diferentes graus, indo do mais leve (perda auditiva que interfere na aquisição da fala, mas não impede o indivíduo de se comunicar através da linguagem oral), para o grau mais profundo (perda auditiva que impede o indivíduo de adquirir a linguagem oral). (SILVA, 2000, *apud* LIMA, 1997, p.15)

O decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005, no artigo 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000, destaca que:

Art. 2º Para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras. (BRASIL, 2005, p.1)

A partir do exposto, podemos compreender que surdo é aquela pessoa que não ouve, que interage com o meio em que vive de forma visual e que expressa a sua cultura através da Libras.

2.2 Breve histórico sobre a educação de surdos no Brasil

Strobel (2009) aponta em sua pesquisa datas importantes para a história dos surdos e é esse histórico que passamos a apresentar a seguir.

Para a autora supracitada, uma grande conquista foi a do ano de 1857, em que foi construída a primeira escola para surdos no Rio de Janeiro, Brasil. O nome da escola era “Imperial Instituto dos surdos-mudos”, hoje conhecida

como “Instituto Nacional de Educação de Surdos” - INES, criada pela Lei n. 939 de 26 de setembro de 1857, no artigo 16º. Foi nesta escola que surgiu a LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais, uma mistura da língua de sinais francesa com os sistemas já usados pelos surdos de várias regiões do Brasil. Em dezembro do mesmo ano, Eduardo Huet apresentou a um grupo de pessoas, na presença do imperador D. Pedro II, os resultados de seu trabalho, causando boa impressão a todos.

Outro fato importante aconteceu no ano de 1864, com a fundação da primeira universidade nacional para surdos “Universidade Gallaudet”, em Washington, nos Estados Unidos, um sonho de Thomas Hopkins Gallaudet, realizado pelo filho Edward Miner Gallaudet (1837-1917).

Em 1880 ocorreu uma tentativa de proibir a língua de sinais. Entre os dias 6 a 11 de setembro do mesmo ano aconteceu um congresso internacional de educadores surdos na cidade de Milão na Itália. Nesse evento ocorreu uma votação em que se oficializava a proibição da língua de sinais na educação de pessoas surdas.

Em 1977 foi criada a FENEIDA, Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficientes Auditivos, e que foi composta exclusivamente por pessoas ouvintes envolvidas com a problemática da surdez.

No ano de 1994, foi criada a Confederação Brasileira de desportos de Surdos (CBDS), em São Paulo, Brasil.

A FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, no Rio de Janeiro, Brasil, foi fundada em 1987. A FENEIS é uma reestruturação da antiga FENEIDA e sua sede foi conquistada no dia 8 de janeiro de 1993, no Rio de Janeiro.

A FENEIS lançou a sua primeira revista em 1999 e na capa trazia uma ilustração de um desenhista surdo chamado Silas Queirós.

Conquista importante ocorreu no ano de 2002 em que a FENEIS formou agentes multiplicadores em todo o Brasil para o ensino de Libras, com o curso denominado “Libras em Contexto”, em parceria com o Ministério da Educação (MEC). Já no ano de 2006, foi iniciado o curso de graduação Letras/Libras no país.

Através das conquistas da comunidade surda, o sujeito surdo passa a ter seus direitos conquistados e suas lutas reconhecidas. E assim, passam a lutar mais e mais para a inclusão dos sujeitos surdos.

Strobel (2016), em suas pesquisas, faz um destaque sobre os aspectos relacionados à inclusão e exclusão dos surdos na sociedade, as suas dificuldades, conflitos culturais e suas identidades.

Com base nos autores e documentos oficiais relacionados anteriormente, ao se estudar sobre o sujeito surdo podemos aqui afirmar que está ocorrendo um movimento sobre a inclusão dos surdos. A sociedade despertou para a existência da comunidade surda e, com isso, está se preparando para acolhê-la da melhor forma. Atualmente, os surdos estão exigindo mais os seus direitos e espaços na sociedade.

Strobel (2016) também faz uma análise sobre a história dos surdos, em que, antigamente, eles tinham muitas dificuldades para se comunicarem com outras pessoas, sendo elas surdas ou ouvintes. Com os ouvintes sendo maioria na sociedade, os surdos acabavam tendo mais contato com a cultura ouvinte do que com a sua própria cultura. No entanto, hoje podemos perceber que os sujeitos surdos lutam bastante para que sejam reconhecidos e que a sua cultura possa ser compreendida, conhecida e reconhecida não somente por eles, mas também pelos ouvintes.

Gesser (2009) discute a educação do sujeito surdo, ressaltando que a aprendizagem dos alunos surdos durante as aulas é uma “educação privada”, em que o professor de apoio ministra a aula somente para o aluno surdo, interpretando para ele o que está sendo ensinado pelo professor regente.

A educação no Brasil há muitos anos vem sofrendo com a falta de estrutura, a desvalorização dos docentes, entre outros problemas existentes atualmente, como baixos salários, a falta de formação continuada de qualidade para professores, a falta de recursos materiais para trabalhar em sala de aula com os alunos, independente ou não deles apresentarem algum tipo de deficiência.

A educação vem passando por várias mudanças, no entanto, os problemas apontados anteriormente ainda são recorrentes. As falhas não ocorrem apenas com os alunos ouvintes, mas também com pessoas que tenham necessidades especiais e que precisam de um professor de apoio, pois

as famílias têm dificuldades em encontrar escolas de qualidade e, no caso do aluno surdo, escolas que tenham o intérprete de Libras para auxiliá-lo.

2.3 Libras: o que é?

Segundo as autoras Jesus e Neres (2015), a Língua Brasileira de Sinais tem origem da língua de sinais francesa e a escolarização do sujeito surdo no Brasil,

[...] iniciou com a chegada do educador francês Ernest Huet, na época do Segundo Império. Huet era um ex – aluno surdo do instituto de Paris, ele sabia o alfabeto manual e a Língua de Sinais francesa. Nessa época ainda não havia escolas especializadas em educar os surdos, então Huet pediu ao imperador Dom Pedro um prédio e em 26 de setembro de 1857 fundou o Instituto dos Surdos – Mudos no Rio de Janeiro, atualmente o Instituto Nacional de Educação de Surdos (Ines). A iconografia da Língua Brasileira de Sinais (Libras) foi criada em 1873 pelo aluno surdo Flausino José da Gama, mas a oficialização que regulamenta a lei da Libras ocorreu somente em abril de 2002. (JESUS, NERES. 2015. Pg. 2)

A Língua Brasileira de Sinais - Libras é uma língua visual e gestual em que o movimento gestual é produzido pelo movimento das mãos, do corpo e das expressões faciais em um espaço à frente do corpo, chamado de espaço de sinalização. A pessoa “recebe” a sinalização pela visão, razão pela qual as línguas de sinais são chamadas de viso-espaciais ou espaço-visuais. Dependendo do tipo de enunciado produzido, dos sinais utilizados, do que se deseja expressar, pode-se obter uma sinalização em que vários sinais podem ser feitos simultaneamente, pois, no caso dos movimentos envolvidos, não há impedimento anatômico. Em outros momentos, os sinais são produzidos um após o outro, sequencialmente. Nela, portanto, a pessoa se utiliza da linguagem visual e dos gestos para se comunicarem.

De acordo com artigo publicado na revista da FENEIS, a Libras tem a seguinte explicação:

A LIBRAS, como toda Língua de Sinais, é uma língua de modalidade gestual-visual porque utiliza como canal ou meio de comunicação, movimentos gestuais e expressões faciais que são percebidos pela visão; portanto, diferencia-se da Língua Portuguesa, que é uma língua de modalidade oral-auditiva por utilizar como canal ou meio de comunicação sons articulados que são percebidos pelos ouvidos. Mas, as diferenças não estão somente na utilização de canais diferentes, estão também nas estruturas gramaticais de cada língua. (Revista da FENEIS, número 2:16 apud RAMOS, 20.?)

Informações destacadas no site LIBRAS (2018), apontam que a Libras é

[...] a língua de sinais usada pela comunidade de surdos no Brasil e já foi reconhecida pela Lei, ou seja, é uma língua oficial, tal como nossa língua falada. A lei que dispõe sobre a língua de sinais é a Lei nº 10.436, de 24 de Abril de 2002. (LIBRAS, 2018, [s.p])

Segundo o Diário Oficial da União de 2002, a Libras é entendida como:

[...] forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (BRASIL, 2002)

A Libras, através da lei 10.436, de 24 de abril de 2002, foi oficializada para que a pessoa surda possa estudar a Língua Brasileira de Sinais como sua primeira Língua. Apesar da lei ter entrado em vigor em 2002, ainda hoje pode-se observar em muitos espaços pessoas que não cumprem a lei, como alguns diretores de escola ou mesmo gestores e/ou gerentes de estabelecimentos comerciais, apenas para citar alguns exemplos, e quando são questionados, relatam que não a conhecem.

Há muitos anos as pessoas surdas que frequentavam o sistema educacional não tinham nenhum apoio pedagógico e também não tinham intérpretes ou tradutores e com isso essas pessoas eram excluídas da sociedade ou até mesmo eram forçadas a aprender a língua oral, pois a maioria era de ouvintes. Em 1º de setembro de 2010 foi então oficializada a Lei 12.319/10 que regulamentou a profissão de tradutor e intérprete na sala de aula.

Em 2015, é então sancionada a LBI n. 13.146, destinada à inclusão de pessoas com deficiência que, em seu artigo 1º:

[...] ressalta sobre o direito das pessoas com deficiência: É instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania. (BRASIL, 2015, p.1)

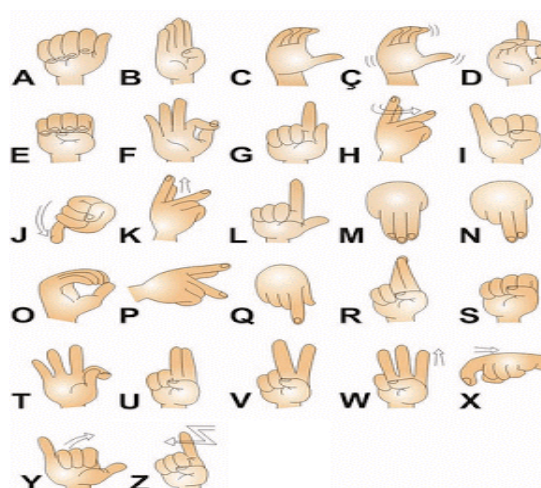
Nas aulas de Libras, ministradas pelo professor Vinicius Hidalgo Pedroni³, no ano de 2018, esse professor apontava a dificuldade que os surdos têm em se comunicar com pessoas de diferentes culturas. Ele ainda destacava que os mesmos desafios que as pessoas enfrentam para aprender um outro idioma acontece também com os surdos, pois existem também variações linguísticas na língua de sinais. Em suas aulas, ele apresentava as diferentes línguas de sinais que existem em cada país e suas siglas correspondentes como, por exemplo, a Língua Francesa de Sinais (LSF), Língua de Sinais Americanas (ASL), Língua de Sinais Japonesa (JSL) e a Língua de Sinais Britânica (BSL).

Schlunzen, Benedetto e Santos (20.?) destacam as siglas de alguns países:

No Norte “American Sign Language” ASL (língua de sinais norte-americana); a BSL, “British Sign Language” (utilizada na Inglaterra); a LES “Lengua Española de Signos” (utilizada na Espanha); e a LSF “Langue des Signes Française” (LSF) (utilizada na França). (SCHLUNZEN, BENEDETTO & SANTOS, 20.?, p.1)

No entanto, existem ainda muitas siglas da língua de sinais no mundo. Cada língua tem sinais diferentes e também sofre as influências de suas culturas. O alfabeto, por exemplo, no Brasil, é realizado apenas com uma mão.

Figura 1- Alfabeto da Língua Brasileira de Sinais – Libras

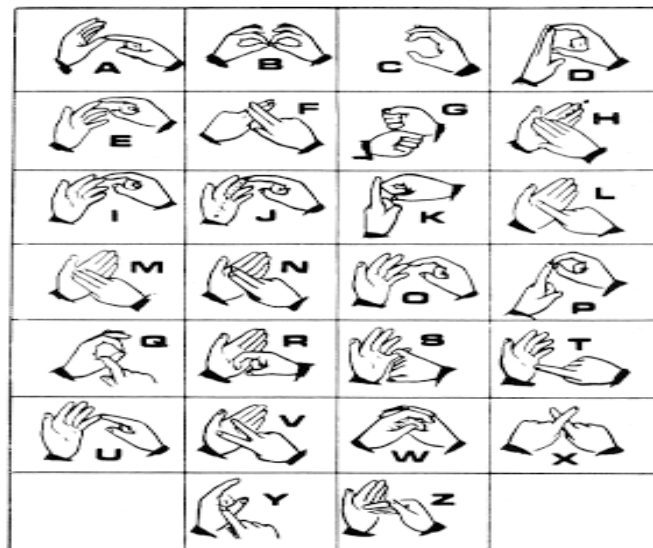


Fonte: lsjaguar.blogspot.com

³ Notas de aulas ministradas pelo professor Vinicius Hidalgo Pedroni no primeiro semestre de 2018.

No entanto, existem lugares, como na Inglaterra, que o alfabeto é feito com as duas mãos.

Figura 2- Alfabeto da Língua de Sinais Britânica - British Sign Language (BSL)



Fonte: lsjaguar.blogspot.com

O alfabeto manual é usado para a soletração usando uma ou duas mãos para descrever nome de pessoas, objetos, endereços ou palavras que não possuam sinais.

2.4 O aluno surdo e os desafios da escola bilíngue no processo de escolarização

A partir de agora, apontaremos, inicialmente, o significado do termo bilinguismo, para, na sequência, relatarmos um projeto que ocorreu na cidade de Piracicaba, em São Paulo, do qual as autoras Lodi & Lacerda (2014) participaram, cujo foco principal era a educação bilíngue nas escolas.

De acordo com Quadros (1997), bilinguismo

[...] é uma proposta de ensino usada por escolas que se propõem a tornar acessível à criança duas línguas no contexto escolar. Os estudos têm apontado para essa proposta como sendo mais adequada para o ensino de crianças surdas, tendo em vista que considera a língua de sinais como língua natural e parte desse pressuposto para o ensino da língua escrita. Skliar et al. (1995) defendem que o reconhecimento dos surdos enquanto pessoas surdas e da sua comunidade linguística assegura o reconhecimento das línguas de sinais dentro de um conceito mais geral de bilinguismo. (QUADROS, 1997, p. 27)

Sobre o projeto referido anteriormente, Lodi & Lacerda (2014) relatam que

[...] em agosto de 2002, membros da Secretaria Municipal de Educação/Setor Educação Especial, procuraram docentes da Universidade Metodista de Piracicaba para elaboração conjunta de uma proposta de inclusão adequada para os alunos com necessidades educativas especiais. (LODI; LACERDA, 2014, p.18)

Este projeto seria trabalhado com alunos surdos que já estavam matriculados em escolas regulares, frequentavam as salas regulares e também assistiam aulas em salas de recursos no contraturno. Contudo, esses alunos não tinham um resultado satisfatório.

Segundo as referidas autoras, dado o incômodo com essa realidade, profissionais que atuavam na secretaria de educação procuraram um grupo de pesquisa pertencente à universidade na tentativa de construir conjuntamente um outro modelo de atendimento aos alunos com surdez. Em seu trabalho, Lodi & Lacerda (2014) apontam que:

O interlocutor adulto colabora para que a linguagem da criança flua, oportunizando atitudes discursivas que favorecem o desenvolvimento e a apropriação de aspectos socioculturais e linguísticos importantes. As crianças surdas, em geral, não têm possibilidade para esse/a desenvolvimento/apropriado, já que na maioria das vezes não têm acesso à língua utilizada por seus pais (ouvintes). (LODI; LACERDA, 2014, p.14)

Com isso, muitas crianças surdas acabam não tendo o acesso e a oportunidade necessárias para aprender a sua primeira língua que é a Libras e assim aprendem a língua portuguesa como primeira. Em pesquisa sobre a educação bilíngue, Lodi & Lacerda (2014) ressaltam:

Atento à questão fundamental da necessidade de um desenvolvimento satisfatório de linguagem para a constituição dos sujeitos é que surge a proposta bilíngue, que enfatiza a necessidade de que o surdo adquira o mais precocemente possível uma língua de forma plena, a língua de sinais, considerada como primeira língua, e, como segunda, aquela utilizada por seus pais. (LODI, LACERDA, 2014, p.14)

Lodi & Lacerda (2014) apontavam então a importância da contratação de profissionais qualificados para atuarem no projeto, para que as crianças tivessem acesso aos conteúdos que eram trabalhados em sala, através dos intérpretes.

As contratações foram: a) intérpretes de português/Libras e Libras/português, responsáveis por propiciar aos alunos surdos condições, por meio da Libras para a aprendizagem; b) instrutores surdos responsáveis pelo ensino de Libras para os profissionais da escola e pelo desenvolvimento linguístico dos alunos surdos em Libras; e c) auxiliares de pesquisa para atuarem na organização e implementação das propostas, visando a uma boa articulação entre a equipe escolar e a universidade. (LODI, LACERDA, 2014, p.19)

No programa, as crianças participavam das aulas regulares pela manhã, aprendendo o que estava proposto nas orientações curriculares e à tarde elas participavam de oficinas de Libras. Algumas dessas crianças nunca tinham tido contato com a Libras. A partir desse projeto, elas aprendiam a língua portuguesa como segunda língua e a Libras como primeira língua.

Nesse sentido, destaca-se a importância do professor, pois

[...] é na escola que se espera que o aluno surdo possa encontrar interlocutores em uma língua que o respeita em sua diferença e adultos, com os quais terá a possibilidade de construir relações comunicativas, trocar conhecimentos. É na escola e com os interlocutores, usuários da Libras, que ela poderá construir a sua identidade de forma íntegra e se desenvolver de forma plena. (UAB-UFSCar, 2011. p.19)

Assim, é de suma importância o papel do professor no ensino-aprendizagem dos alunos, especialmente no caso dos sujeitos surdos, visto que é na escola que ele poderia encontrar um interlocutor que se comunicasse em sua língua, que se preocupasse com suas necessidades e respeitasse suas diferenças. É na escola, muitas vezes, que o aluno surdo constrói relações com outras pessoas através da Libras, pois existem famílias em que os pais são ouvintes e a criança nasce surda e com isso ela passa a não ter o contato imediatamente com a sua primeira língua. É na escola, portanto, que muitas dessas crianças começam a ter o primeiro contato com a Libras.

É nesse sentido que destaca -se ainda a importante participação do surdo em uma comunidade surda, entendida como uma rede de sociabilidade da qual fazem parte pessoas do convívio social do sujeito surdo, como a família, professores, intérpretes, amigos e outros que sabem ou não a Libras, mas que compartilham os mesmos interesses comuns. Para Strobel (2009), as principais comunidades surdas existentes no Brasil, são:

1- Associações de Surdos: Uma associação de surdos surge em função de reunir sujeitos surdos que participam e compartilham os mesmos interesses em comuns, assim como os costumes, as

história, as tradições em comuns, em uma determinada localidade, geralmente em uma sede própria ou alugada, ou cedida pelo governo e outros espaços físicos. A Associação de Surdos representa importante espaço de encontro entre os sujeitos surdos da comunidade surda. Importantes movimentos em prol a causa de surdos se originaram e ainda se resultam das reuniões e assembléias nas associações de surdos que ocorrem por todo o Brasil.

2- Federação Nacional de Educação de Surdos / FENEIS: é uma entidade filantrópica, sem fins lucrativos com finalidade sócio-cultural, assistencial e educacional que tem por objetivo a defesa e a luta dos direitos da Comunidade Surda Brasileira. É filiada a Federação Mundial dos Surdos.

3- Confederação Brasileira de Desportos dos Surdos / CBDS. Esta confederação organiza e regulamenta muitas práticas de muitas modalidades de esportes de povo surdos, também promove competições entre as associações de surdos e outros.

4- Federação Estaduais Esportivas de Surdos. promove intercâmbios de esportes dentre as várias associações de surdos do Estado.

3- Outras Instituições : associações de pais e amigos de surdos, Associações de intérpretes de Libras, escolas de surdos e outros.

4- Representantes religiosas: pastorais de surdos, ministério de keiraihaguiái, grupos de jovens de igrejas, etc... (STROBEL. 2009. p. 42-43)

Por fim, é preciso afirmar, pelo que apresentamos até aqui, que os surdos tem uma história bastante longa e o Brasil tem muitas tradições e histórias sobre os surdos, pois foi através do desenvolvimento das associações surdas e das federações que o surdo teve o seu papel reconhecido e também os seus direitos e deveres respeitados na história brasileira.

2.5 Panorama do processo de escolarização de surdos em Arraias-TO

Não há registros precisos sobre o processo de escolarização dos surdos em Arraias-TO. A informação que temos, atualmente, é de três alunos surdos que frequentam um projeto de extensão iniciado em 2018 e intitulado “Aquisição da Língua Brasileira de Sinais por crianças, jovens e adultos surdos, através do conhecimento, da identidade e cultura Surda”. Este projeto é idealizado e coordenado pelo professor Vinicius Hidalgo Pedroni, da Universidade Federal do Tocantins, e o trabalho tem como objetivo ensinar a Libras para os sujeitos surdos da comunidade arraiana.

Participam atualmente desse projeto três alunos, como já informado: uma aluna do ensino médio, matriculada em uma escola pública da cidade, e dois adultos que estão fora da escola nesse momento. A partir dessa proposta, esses sujeitos têm a oportunidade de aprender a Libras com um professor surdo que conhece bem todos os desafios impostos por essa condição. Através

do projeto, os alunos surdos que já fazem parte dele estão indicando outros surdos que conhecem na comunidade para dele fazerem parte também e com isso o projeto visa alcançar mais pessoas.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

3.1 Caracterização da pesquisa

A pesquisa é de abordagem qualitativa que, de acordo Marconi & Lakatos (2003), proporciona ao pesquisador fazer uso de recursos eficazes em um trabalho. Nesse sentido, Freire (200?), destaca:

A pesquisa qualitativa também busca uma compreensão mais totalizante daquilo que está sendo investigado. Os recortes são feitos apenas por necessidade prática, mas, conceitualmente, todo fenômeno é visualizado como integrante de um todo maior, dinâmico e em permanente transformação. (FREIRE, 200?, p.3)

A pesquisa qualitativa, para Oliveira (2008), também está ligada à interpretação do mundo real ao qual se vive, ou seja, é necessário fazer uma análise nos dados obtidos com a realidade. Esta pesquisa destaca-se ainda pelo seu caráter empírico, pois a autora foi a campo para coletar dados relevantes para a construção deste trabalho.

3.2 Sujeitos da pesquisa

Os sujeitos da pesquisa são uma aluna surda e uma professora indicada pela equipe gestora da escola em que ela estuda como sendo referência para essa aluna.

Para a realização da pesquisa, utilizamos o Termo de Concordância da Instituição e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (ANEXOS A e B), que foram lidos e assinados por todos os participantes.

Colaboram ainda nesta pesquisa a diretora do colégio, a coordenadora pedagógica, a professora de referência, professora de apoio dessa aluna, a família da aluna pesquisada e a intérprete de Libras da UFT, campus de Arraias.

3.3 Procedimentos e instrumentos para a coleta de dados

Para a coleta de dados, foi utilizada a entrevista do tipo semiestruturada, pois com ela o aluno e o professor têm a liberdade de abordar assuntos

relacionados ao tema principal e com isso podem apontar os seus pontos de vista sobre os assuntos que serão tratados. Com base em Marconi & Lakatos (2003, p.195), o objetivo principal desse instrumento é a obtenção de informações do entrevistado sobre determinado assunto como, por exemplo, averiguação de fatos, determinação das opiniões sobre eles, determinação de sentimentos, descoberta de planos de ação, conduta atual ou do passado e motivos conscientes para opiniões, sentimentos, sistemas ou condutas.

As entrevistas ocorreram então com uma professora de geografia do ensino médio de uma instituição de ensino estadual e com uma aluna surda, em que foi abordado sobre a sua realidade e também como é o seu dia a dia na escola, como é sua comunicação com os colegas, professores e funcionários da escola, se eles sabem a Libras ou não, entre outras (APÊNDICES A e B).

Para obtenção das respostas aos questionamentos, as perguntas definidas foram do tipo abertas, isso porque, segundo Marconi & Lakatos (2003),

[...] permitem ao informante responder livremente, usando linguagem própria, e emitir opiniões. Possibilita investigações mais profundas e precisas; entretanto, apresenta alguns inconvenientes: dificulta a resposta ao próprio informante, que deverá redigi-la, o processo de tabulação, o tratamento estatístico e a interpretação. A análise é difícil, complexa, cansativa e demorada. (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 204)

A entrevista com a aluna surda foi gravada em vídeo, nas dependências da UFT, com a presença do professor Vinicius Pedroni e da intérprete de Libras do campus, e teve como função auxiliar a pesquisadora na transcrição e na possível retomada dos relatos, para assim não deixar de fora informações cruciais para a conclusão dessa pesquisa. Já na entrevista com a professora de referência, foi usado apenas um gravador de áudio. Os materiais utilizados nessa entrevista foram um gravador, câmera, caderno de campo e roteiros de entrevistas semiestruturadas. Posteriormente, as entrevistas foram transcritas.

Nesse trabalho, os entrevistados tiveram a liberdade de destacar informações sobre o sujeito surdo e tanto a professora de referência quanto a aluna surda tiveram a oportunidade de relatar como é o dia a dia da pessoa surda na escola, como convive com os colegas e professores ouvintes.

Strobel (2009) ressalta que quando se realiza uma entrevista com o sujeito surdo, normalmente, a entrevista é realizada por meio de uma filmagem em que o sujeito surdo faz uma narrativa em língua de sinais sobre o que será abordado. A autora ainda nos orienta sobre como entrevistar o sujeito surdo:

[...] o pesquisador procura o sujeito que vai fazer narrativa e lhe faz perguntas em língua de sinais através de filmagens, geralmente isto ocorre depois do acontecimento do fato histórico em que se quer investigar. Além disso, também fazem parte registros biográfico, através de diversas fontes como os documentos, fotos, jornais etc... ao lado de memórias e autobiografias, que permitem compreender como sujeitos experimentaram e interpretam acontecimentos, situações e modos de vida de uma comunidade surda ou do povo surdo. Isso torna o estudo da história mais real e próximo, facilitando o registro do passado e a compreensão pelas gerações futuras das experiências vividas por sujeitos. (STROBEL, 2009. p.46-47)

Strobel (2009) aponta informações importantes para que possamos conduzir uma entrevista com o sujeito surdo e também de que forma possamos abordar alguns assuntos. De acordo com a autora, antes de fazermos algumas perguntas ao entrevistado é importante que abordemos informações sobre acontecimentos históricos, pesquisas em documentos, fotos, jornais e registro biográfico que possam vir enriquecer o conhecimento acerca de certos assuntos.

4 ENTRADA E PERMANÊNCIA NO ENSINO REGULAR: O CASO DE UMA ALUNA SURDA

4.1 Entrevista com a aluna surda

A aluna entrevistada é surda e, atualmente, cursa o 3º ano do ensino médio em uma escola estadual, no município de Arraias-TO. Ao ser indagada sobre sua idade, o ano em que foi matriculada na escola e com quem vive atualmente, ela informou que tem 18 anos, seus pais são separados e mora com a avó, uma tia e seus dois irmãos. Além disso, destacou que foi matriculada na escola aos nove anos e que começou a aprender a Libras apenas aos 16 anos na escola em que estuda atualmente, com a ajuda da professora de apoio. A aluna ainda avisou que não se lembrava do nome da escola em que havia estudado durante o ensino fundamental.

A aluna participa atualmente de um projeto de extensão para o aprendizado da Libras no campus da UFT, em Arraias. Perguntamos como ela

soube do projeto e ela nos contou que foi a intérprete de Libras do campus universitário que lhe falou sobre o projeto e a levou para conhecer a instituição. A aluna também aponta que gosta de aprender Libras.

Ao ser questionada sobre quais disciplinas são ofertadas pela escola, ela relata que faz aulas de Português, Matemática, Geografia, História, Física, Sociologia e Química. Perguntamos se ela frequentava as aulas junto com seus colegas na mesma turma ou se aprendia sobre essas disciplinas apenas com a professora de apoio. Ela destacou que faz as disciplinas com a professora de apoio e que esse trabalho é feito apenas entre as duas em sala exclusiva para elas. A aluna destaca ainda que não frequenta a sala de aula junto com seus colegas.

Durante a entrevista, perguntamos como foi o seu processo de escolarização. A mesma não soube nos falar onde começou a estudar e destacou não ter tido amigos na antiga escola e que se sentia sozinha, pois as pessoas não a ajudavam. Ela ainda apontou que gosta muito dos professores da escola em que está matriculada atualmente, pois eles a ajudam e destacou ainda que gosta dos colegas, comentando ter uma amiga que sabe um pouco de Libras, pois ela está ensinando-a. A aluna foi questionada ainda sobre as aulas, se todos na escola sabem Libras e como se dá a comunicação entre ela e as outras pessoas da instituição e apontou que os professores, alunos e funcionários não sabem Libras e por isso alguns não a entendem muito bem.

No decorrer das entrevistas pôde-se observar claramente a dificuldade da aluna surda em entender o que era perguntado para ela em Libras, pela intérprete, durante a entrevista. Assim, muitas vezes, o professor Vinicius Pedroni, refazia a pergunta novamente, falando em Libras e também usando gestos, para que assim a aluna pudesse compreender o que estava sendo perguntado a ela.

Quando questionada sobre os motivos que levaram a escola a indicar a professora de Geografia como uma referência para ela, a aluna afirmou que gostava da professora e que ela sabia um pouco de Libras como, por exemplo, algumas saudações, como “oi!”, “bom dia!”, “boa tarde!” e conversava um pouco em Libras também. Sobre como é o seu dia a dia na escola, a aluna apontou que todos os dias ela ia para a escola de carona com a professora de

apoio e que durante os intervalos das aulas ela não conversava com os colegas da escola, apenas se cumprimentavam com um “oi”.

Perguntamos ainda, por fim, se ela se gostaria de falar sobre algo que não tínhamos abordado até então durante a entrevista e ela repetiu, mais uma vez, não ter amigos na escola.

A partir da entrevista e das notas de campo registradas ao logo desse trabalho, chamou-nos bastante a atenção a dificuldade da aluna surda em entender o que era perguntado para ela em Libras, pela intérprete, durante a entrevista. Entendemos a dificuldade da aluna em compreender a Libras, afinal ela ainda está em processo de aprendizagem, pois apesar de ter entrado na escola com nove anos de idade, somente aos 16 anos começou a ter contato com a Libras, como mencionado anteriormente.

Questionada sobre quais disciplinas estudava na escola, a aluna informou que eram Português, Matemática, Geografia, História, Física, Sociologia e Química, junto com a professora de apoio. No entanto, quando foi feita a mesma pergunta para a professora de referência, a mesma nos informou que a aluna só participava das aulas de Português, Matemática, Geografia e História junto com seus colegas de classe.

Além disso, a aluna relatou que não participava das aulas junto com seus colegas de classe, estudava com a professora de apoio, não apontando em nenhum momento sobre ir para a sala de aula estudar junto com a turma. Em certo momento da entrevista, quando falava sobre as disciplinas a qual aluna cursava, ao perceber que a aluna não estava compreendendo a intérprete, o professor Vinicius Pedroni retomou a pergunta e a aluna continuou relatando que estudava em uma sala juntamente com a professora de apoio.

Informações fornecidas pela instituição durante a realização deste trabalho apontavam que a escola promovia uma educação inclusiva, ao indicarem que a aluna surda participava das apresentações que eram realizadas na escola e que ela frequentava as aulas em sala com os outros colegas. No entanto, não é bem isso que a aluna nos relatou.

Com pouca informação, formação inadequada para lidar com o aluno surdo, falta de profissionais capacitados e também sem o apoio da secretaria de educação, podemos entender que a escola deixa muito a desejar na

educação desta aluna, pois ela ainda estuda fora da sala de aula regular, sem interagir com os colegas, estudando apenas com a professora de apoio. Entendemos que a aluna precisa conviver com seus colegas em sala de aula, assistir às aulas com os professores da instituição, sem exceção, garantindo assim o seu direito.

4.2 Entrevista com a professora referência para a aluna surda

A partir de agora, destacaremos as informações fornecidas pela professora que foi indicada pela equipe gestora da escola como sendo uma referência para a aluna surda na escola. Essa professora será denominada Maria, nome fictício adotado para preservar sua identidade.

A primeira pergunta da entrevista foi sobre a formação de Maria. A mesma nos informou que era formada em Geografia, pós-graduada em Planejamento Educacional e estava finalizando o curso de Orientação Educacional. Ela ainda destacou que trabalhava na escola atual há 19 anos. Era professora de Geografia, mas que “trabalhou em outras áreas de humanas”. Além de ser professora, Maria era coordenadora dessa área na instituição. Ela relatou que trabalhava com todos os professores da área de humanas, procurando rever os conteúdos ofertados aos alunos, destacando que todos precisavam melhorar a aprendizagem e que observava de perto as intervenções que eram feitas com os alunos. Maria enfatizou que todos os professores da escola trabalhavam juntos e que procuravam trabalhar as habilidades dos alunos observando todos os dias se algum deles apresentavam dificuldades ou “alguma deficiência durante todo o ano letivo”.

Ao abordarmos sobre Libras, se Maria conhecia a língua, se tinha fluência, ela apontou que conhecia Libras, porém não era fluente. Relatou saber apenas alguns sinais e citou como exemplos algumas saudações, como “oi!”, “bom dia!”, “boa tarde!”, “tudo bem?”, entre outras.

A partir de então, perguntamos como era trabalhar em sala de aula com uma aluna surda, se era a primeira vez, ou se, já havia trabalhado com uma aluna surda antes, Maria então relatou que quando a escola foi notificada que iria receber uma aluna surda, todos ficaram preocupados, pois, infelizmente, nenhum dos professores na época tinha formação ou sabia Libras ou já tinham trabalhado na educação especial. Segundo ela, “um alívio para todos foi que

com a chegada da aluna veio também a professora de apoio para auxiliar na comunicação dos professores com essa aluna”. Após a chegada da aluna, a professora de apoio então percebeu que ela não era alfabetizada em português e nem sabia Libras. Nesse momento então, a aluna passou a ser alfabetizada em Libras por essa professora de apoio.

Sobre o processo de aprendizagem da aluna surda, Maria comentou que todas as dúvidas quando surgem sobre os conteúdos ministrados são encaminhadas para a professora de apoio para que ela possa interpretar para a aluna surda o que o professor regente está ensinando em suas aulas.

Maria ainda destacou que os professores ministravam as aulas incluindo a aluna surda na exposição dos conteúdos que estavam sendo trabalhados em sala. Maria relatou que os professores da área de humanas separavam algumas palavras-chave do conteúdo ministrado e passavam para a professora de apoio para ela trabalhar esses conceitos com a aluna. Durante a entrevista, a professora ainda apontou que a aluna não conseguia acompanhar a turma e por isso era feita essa seleção de palavras-chave para que ela pudesse receber o atendimento da professora de apoio.

Perguntamos ainda quais eram os desafios que ela enfrentava em sala de aula para trabalhar com a aluna surda e Maria nos respondeu que os desafios eram grandes e todos os dias havia desafios. Mas todos os professores sempre procuravam melhorar e apontou que eles precisam de formação na área de ensino especial e também em Libras, pois sentem que a contribuição que dão para esta aluna é pouca, por falta de formação especializada. Maria ainda comentou como seria a formação dessa aluna, caso não tivesse a professora de apoio para mediar a conversa entre os professores e ela. Os desafios, segundo ela, “são muito grandes e difíceis de resolver”, pois o Estado não dava condições para que os professores pudessem se especializar, destacando a necessidade da participação dos profissionais em cursos de formação.

Ao ser questionada sobre os motivos que levaram à sua indicação como professora referência para a aluna, Maria apontou não saber o motivo, mas acreditava que podia ser pelo fato dela ser coordenadora da área de humanas. Perguntamos então qual era sua relação com a aluna surda e ela relatou “boa, na medida do possível”, pois ela não sabia Libras. Entretanto, declarou que

acolhia sempre a aluna e tentava conversar através do mínimo que conhecia, como no uso de saudações em Libras e também em forma de gestos. A entrevistada ainda destacou que a aluna surda “é bem aberta para todo mundo” e que gostava de ensinar Libras.

Maria ainda nos relatou que a aluna interagiu com seus colegas durante o intervalo e nesses momentos a professora de apoio a deixava livre para se comunicar. De acordo com Maria, isso ocorria para que a aluna surda tivesse mais liberdade e conseguisse se comunicar com os colegas sem depender da professora de apoio.

Durante a entrevista, Maria foi questionada sobre como realiza o trabalho com a aluna atualmente e ela nos relatou que por ser coordenadora da área de humanas, como mencionado, ela passava o planejamento para todos. Destacou ainda que a aluna não era excluída dos trabalhos e que participava das apresentações realizadas na escola. Maria ainda nos apontou sobre a realização de uma atividade com a turma, em que todos os alunos apresentaram sobre os blocos econômicos e a aluna surda ficou responsável por um deles, estudando-o com a professora de apoio e depois apresentando-o para toda a turma.

A professora ainda nos contou que a aluna não deixava de participar das atividades realizadas na escola e que todos os trabalhos que os professores realizavam em sala de aula ou no pátio ela estava presente, nas apresentações também. Maria ainda relatou que isso ocorre porque ela pode pensar: “ah por que os meus colegas estão apresentando e eu não apresento?”. De acordo com Maria, as apresentações da aluna eram realizadas em Libras e a professora de apoio interpretava para a turma o que foi falado por ela. Maria ainda apontou que “está satisfeita em ver o crescimento da aluna, pois ela se desenvolveu bastante na Libras”.

Questionamos como foi o processo de adaptação da aluna surda na escola, a relação dela com os professores e com os alunos e qual havia sido sua participação nesse processo. Maria nos relatou que ao saberem da chegada dessa aluna na escola todos ficaram bastante assustados, e se questionando: “como é que eu vou trabalhar com ela? Como é que vai ser? Eu não dou conta. Não, eu não dou conta, não adianta”. Maria nos contou ainda como foi a chegada dessa aluna na instituição: “ela veio. A gente não teve

resistência a ela. A gente foi aprendendo a conversar com ela da nossa maneira e é a professora de apoio quem faz essa ponte aí, de participação”. Sobre qual foi a sua participação nesse processo, Maria destacou:

eu acho que essa participação nossa aí é diária. Incluindo ela nas atividades, a gente teve gincana, eu pedi que colocasse ela para participar da gincana. Então é incluir ela mesmo nas atividades diárias. E assim todo mundo faz, essa ponte. Só que eu enquanto coordenadora da área, eu sempre tenho que ficar lembrando os colegas. Porque às vezes pode até passar despercebido. E não pode ser despercebido. Porque ela é parte da nossa escola, nossa aluna. O professor de apoio vai apenas auxiliar no que o professor pede. Ai a gente da nossa área sempre tem essa preocupação.

Por último, foi perguntado à professora Maria sobre o que não abordamos, mas que ela gostaria de comentar e ela então nos disse:

Eu acho que até já comentei aí. Em relação ao próprio sistema. Eles precisariam ver essa necessidade de formação. A gente sabe que quem precisa estudar e crescer somos nós, mas nós tínhamos que ter oportunidade para isso. Exemplo, eu quero fazer um curso de libras. Só que é eu não tenho bolsa, auxílio. Eu não tenho, um tempo disponível pra isso, que pudesse fazendo cursos, qualquer outro curso, não precisa ser só o de Libras, alguma especialização, alguma coisa. Aí você vai ter, vai diminuir tantas horas em sala pra que você faça isso. Porque a gente tem 28 aulas e essa escola aqui ela tem uma dinâmica totalmente diferente. Então, você não tem tempo pra nada. Então seria um sonho que o governo visse dessa forma, porque pra eles, eles falam muito em inclusão, mas eles não trabalham pra isso.

O que a professora de referência nos relatou é bastante preocupante, pois como um professor da rede estadual não tem garantido um tempo para se capacitar? Para que o professor consiga se capacitar, no cenário atual, ele precisaria se desdobrar para estudar, sem a ajuda do governo. Muitas vezes esses professores fazem cursos na modalidade à distância, pois isso não os impede de ministrar suas aulas durante o dia, mas há que se avaliar a qualidade de alguns desses cursos. O governo, a nosso ver, deveria investir mais na formação dos profissionais, ofertando bons cursos de formação

continuada, preocupando-se em formar sujeitos capacitados para lidar com os alunos em suas especificidades e garantindo-lhes condições favoráveis para a realização desses cursos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal deste trabalho foi fazer uma reflexão sobre a surdez e analisar o processo de escolarização de uma aluna surda, apresentando para o leitor o que é surdez e o que é a Libras. Discutiu-se ainda sobre o processo de escolarização de uma aluna surda, trazendo informações da realidade a partir do olhar desse sujeito e também da professora referência, abordando, assim, as dificuldades enfrentadas por ambas.

Neste trabalho, o problema de pesquisa sempre foi a tentativa de compreender e analisar os desafios que o sujeito surdo enfrenta na escola regular e com isso buscou-se aprofundar os conhecimentos sobre o tema abordado.

Ao investigar termos, significados, comunidades e também a cultura do surdo, tínhamos pouco conhecimento sobre a surdez, no entanto, ao longo do processo de construção deste trabalho, nosso conhecimento está mais aprofundado e isso é encantador e desafiador ao mesmo tempo.

Uma das suas conclusões a que chegamos é que deve -se falar mais sobre a Libras para a sociedade, pois a comunidade surda vem há anos lutando por seu reconhecimento e direitos e aos poucos vão conseguindo-o.

Quando destacamos sobre o processo de escolarização do sujeito surdo é porque ele tem direito de estudar em uma escola regular e que estude com todos os seus colegas de classe. E que esse aluno não estude o tempo todo em uma sala específica apenas com um professor de apoio, pois assim a escola estará excluindo-o.

Quando se aborda o assunto inclusão, muitas pessoas e até mesmo as instituições de ensino, apontam que a escola é inclusiva porque tem um aluno com deficiência. No entanto, não é por isso que a escola é inclusiva, e sim quando a escola faz com que esse aluno seja incluído nas atividades e que em nenhum momento ele fique excluído por causa de sua condição.

Ao final, destacamos que foi um privilégio conhecer um pouco mais sobre a cultura surda e também poder refletir sobre o processo de inclusão do aluno surdo na escola regular.

REFERÊNCIAS

APOSTILA DE LIBRAS (**Língua Brasileira de Sinais**). Disponível em: <https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/incluir/libras/curso_de_libras_-_graciele.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2019.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Disponível em:<https://www.udesc.br/arquivos/udesc/documentos/Lei_n__10_436__de_24__de_abril_de_2002_15226896225947_7091.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2019.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. n. 9394/96**. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>> Acesso em: 25 mar. 2019.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil** de 1988.

BRASIL. **Lei nº. 13.146, de 6 de julho de 2015**. Lei Brasileira de inclusão da pessoa com deficiência-LBI.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm>. Acesso em: 12 abr. 2019.

BRASIL. **Ministério da Educação Conselho Nacional de Educação Câmara de Educação Básica**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=98311-rceb002-18&category_slug=outubro-2018-pdf-1&Itemid=30192> Acesso em: 25 mar. 2019.

BRASIL ESCOLA. **A qualidade da educação brasileira**. Disponível em: <<https://educador.brasilecola.uol.com.br/trabalho-docente/a-qualidade-educacao-brasileira.htm>> Acesso em: 05 dez. 2018.

COLEÇÃO UAB-UFSCar. **Língua brasileira de sinais – Libras**. São Carlos. 2011. Disponível em: <https://ceiq4.webnode.com/_files/200001670-19cee1ac87/2.pdf#page=28> Acesso em: 20 de mai. 2019.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, 1910-1989. **Mini Aurélio século XXI: O minidicionário da língua portuguesa** / Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; coordenação de edição, Margarida dos Anjos, Marina Baird Ferreira; Lexicografia, Margarida dos Anjos... [et al.]. 5ª ed. Ver. Ampliada – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FREIRE, Vanda, Bellard. **Horizontes da pesquisa em música**. Disponível em:<

https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/15129026/632258.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1558796007&Signature=ZWA2AGPERtygsReR1qHd7QAeevo%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DHorizontes_da_pesquisa_em_musica.pdf>. Acesso em: 25 mai. 2019.

GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa? crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

JUSBRASIL. **Lei 12319/10 | Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010**. Disponível em < <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/1025011/lei-12319-10> >Acesso em: 17 jun.2019.

JESUS, Clarice Karen de. NERES, Celi Corrêa. **A aquisição da Libras por um estudante surdo: um estudo de caso**. Mato Grosso do Sul. 2015. Disponível em <<http://docplayer.com.br/29385448-A-aquisicao-da-libras-por-um-estudante-surdo-um-estudo-de-caso.html>> Acesso em 01 jul. 2019

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LODI, Ana Claudia B.; LACERDA, Cristiana B. F. de. **Uma escola, duas línguas: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização**. Porto Alegre: Mediação, 2014.

L.S. JAGUAR. **Alfabeto manual em outras línguas de sinais**. Disponível em: <<http://lsjaguar.blogspot.com/2016/04/alfabeto-manual-em-outras-linguas-de.html>> Acesso em: 15 abr. 2019.

MARTINEZ, Albertina Mitjans; TACCA, Maria Carmen Villela Rosa (Org). **Possibilidades de aprendizagem: ações pedagógicas para alunos com dificuldade e deficiência**. Campinas-SP: edição Alínea, 2011.

MARQUET, Adriana Rocha Rodrigues. **A inclusão do deficiente auditivo na educação infantil: a atuação do professor.** LINS – SP. Ano 2013. Disponível em < <http://www.unisalesiano.edu.br/biblioteca/monografias/56027.pdf>> Acesso em 22 de jun. 2019

OLIVEIRA, Cristiano Lessa de. **Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características.** Disponível em: <e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/download/3122/2459>. Acesso em: 25 mai. 2019.

QUADROS, R. M. **Educação de Surdos: a aquisição da linguagem.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SCHLUNZEN, Elisa Tomoe Moriya. BENEDETTO, Laís dos Santos Di & SANTOS, Danielle Aparecida do Nascimento dos. **O que é Libras?** UNESP. Disponível em: <file:///D:/TCC/TCC/Nova%20pasta/disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2019

SITE LIBRAS. Disponível em <<http://www.libras.com.br/o-que-e-libras>> Acesso em: 19 jan. 2019.

SIGNIFICADOS. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/libras/>>. Acesso em: 12 abr. 2019.

SILVA, Angélica Bronzatto de Paiva. **O aluno surdo na escola regular: imagem e ação do professor.** Disponível em:<http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/250967/1/Silva_Angelica_BronzattodePaivae_M.pdf> Acesso em: 11 abr. 2019

STROBEL, Karin. **História da educação de surdos.** Florianópolis: UFSC, 2009.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** 4.ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2016. p.119-134

APÊNDICES

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A PROFESSORA REFERÊNCIA PARA A ALUNA SURDA

1. Fale-nos sobre sua formação.
2. Conte-nos como foi seu processo de aprendizagem da Libras.
3. O que motivou seu interesse para o aprendizado dessa língua?
4. Você se considera fluente em Libras?
5. Como é trabalhar em sala de aula com um aluno surdo?
6. Quais os desafios que você enfrenta ao trabalhar com um aluno surdo?
7. Você foi citada como uma professora referência para uma aluna surda que estuda na escola em que trabalha. Por quê?
8. Qual é a sua relação com essa aluna?
9. Como é o trabalho que realiza com essa aluna, atualmente?
10. Conte-nos como foi o processo de adaptação dessa aluna surda na escola, com a professora e com os colegas. Qual foi a sua participação nesse processo?
11. Tem algum assunto que não abordamos, mas que você gostaria de comentar?

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A ALUNA SURDA

1. Fale-nos um pouco sobre você: idade, em que ano está matriculada na escola, onde e com quem vive...
2. Você participa de um projeto de extensão na UFT para aprender Libras. Como soube do projeto? Como está sendo esse processo?
3. Como foi seu processo de escolarização? Em que ano entrou para a escola? Em quais escolas estudou? Como foi esse processo?
4. Na escola atual, como é o seu convívio com seus professores, colegas e com outras pessoas que trabalham no ambiente?
5. Essas pessoas sabem a Libras? Como se comunicam?
6. Na sua escola atual nos informaram que você tem uma professora como referência. Você confirma? Quem é ela? O que a fez se aproximar dessa professora? Há quanto tempo ela é sua professora?
7. Como é o dia a dia de vocês na escola? Que tipo de atividade fazem juntas?
8. O que pensa sobre a escola em que estuda? E sobre seus professores e colegas?
9. Tem algum assunto que não abordamos, mas que você gostaria de comentar?

ANEXOS

ANEXO A - MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE), Resolução nº 196/96 – CNS

O(a) senhor(a) está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada “.....”, que tem como objetivo geral compreender e analisar o processo de escolarização de uma aluna surdos. Trata-se de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de graduação em Pedagogia, da Universidade Federal do Tocantins (UFT), cujos resultados poderão servir de subsídios para a discussão sobre a educação de jovens surdos no ensino fundamental. A pesquisa tem término previsto para março de 2019.

Informamos que suas respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial, ou seja, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo. Quando for necessário exemplificar determinada situação, sua privacidade estará assegurada com a substituição de seu nome. Os dados coletados serão utilizados apenas NESTA pesquisa e os resultados serão divulgados em eventos e/ou revistas científicas. Todo material desta pesquisa ficará sob a responsabilidade do pesquisador e após cinco anos será destruído.

Sua participação é voluntária. Portanto, a qualquer momento o(a) senhor(a) poderá se recusar a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e retirar seu consentimento, sem nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição em que trabalha. Sua participação consistirá em autorizar a observação das aulas, bem como responder as perguntas a serem realizadas sob a forma de entrevista, a qual será gravada para posterior transcrição e guardada por cinco (05) anos e incinerada após esse período.

Informamos ainda que o(a) senhor(a) não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras. Por ser anônima e confidencial, sua participação no projeto não apresenta riscos à sua pessoa. O benefício relacionado à sua participação será de ampliar o conhecimento científico sobre a área de educação. O(a) senhor(a) receberá uma cópia deste Termo, onde consta o e-mail dos pesquisadores responsáveis, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sobre sua participação, agora ou a qualquer momento.

Destacamos, ainda, os dados da coordenação do curso de Pedagogia, na UFT campus de Arraias, para que o(a) senhor(a) possa também acioná-la agora ou a qualquer momento, caso queira fazer alguma notificação sobre o que considera como irregularidade de natureza ética nesta pesquisa.

Desde já agradecemos sua disponibilidade e atenção!

Responsáveis:

Giane Maria da Silva (Orientadora)
E-mail: giane.silva@uft.edu.br

Monyque Campos Lima (Pesquisadora)
E-mail: monyquelima@uft.edu.br

Arraias - TO, ____ de _____ de _____.

Declaro estar ciente do teor deste TERMO e estou de acordo em participar do estudo proposto.

Sujeito da Pesquisa

Nome completo: _____

Assinatura: _____

V ANEXO B – MODELO DE TERMO DE CONCORDÂNCIA DA INSTITUIÇÃO

Estamos realizando a pesquisa intitulada “.....”, que tem como objetivo Para tanto, solicitamos autorização para realizar este estudo nesta instituição. Também será utilizado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para cada participante.

A coleta de dados envolverá observação de eventos e entrevistas com os participantes, realizadas pelo pesquisador assistente. Todos os envolvidos serão claramente informados de que sua contribuição é voluntária e pode ser interrompida a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. A qualquer momento, tanto os participantes quanto os responsáveis pela Instituição poderão solicitar informações sobre os procedimentos ou outros assuntos relacionados a este estudo.

Todos os cuidados serão tomados para garantir o sigilo e a confidencialidade das informações, preservando a identidade dos participantes. Os procedimentos utilizados nesta pesquisa obedecem aos Critérios de Ética na Pesquisa com Seres Humanos, conforme Resolução n. 196/96 do CNS. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à dignidade dos participantes. Todo material desta pesquisa ficará sob a responsabilidade do pesquisador assistente e após cinco anos será destruído. Dados individuais dos participantes, coletados ao longo do processo, não serão informados à instituição envolvida, mas deverá ser realizada uma devolução dos resultados, de forma coletiva, para a instituição, se for assim solicitado. Através deste trabalho, esperamos aumentar o conhecimento científico para a área de educação. Agradecemos a colaboração dessa instituição para a realização desta atividade de pesquisa e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais.

Responsáveis

 Giane Maria da Silva (Orientadora)
 giane.silva@uft.edu.br

 Monyque Campos Lima (Pesquisadora)
 monyquelima@uft.edu.br

Arraias-TO, ____ de ____ de ____

Concordamos em participar do presente estudo.

Instituição: _____

Nome do responsável legal:

Assinatura: _____

